

VIOLAÇÕES DE DIREITOS NA PERSPECTIVA DE MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS DA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS

Liliane Gonçalves Marques

Gisely Pereira Botega

RESUMO: Diante do atual momento histórico que se vive no mundo, dando enfoque no Brasil, torna-se relevante questionar: Como mulheres negras que vivem na periferia narram as possíveis violações de direitos sofridas em tempo de pandemia? É preciso propagar que as violências são amplas, sendo que ainda vivemos num sistema de colonização, atravessa a falta de acesso às políticas públicas, até chegar no âmbito domiciliar/familiar com a questão de violência doméstica e abordando também a questão de sobrevivência interligado ao trabalho. A pesquisa se trata de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. A entrevista no caso se contextualizou como uma prática discursiva e produzindo sentido para contextualizar uma realidade. Spink e Medrado (2013) remetem que é por meio da linguagem que as práticas sociais e discursivas de determinado contexto e local passam a construir e apresentar sentido. A entrevista que foi utilizada nesta pesquisa é semiestruturada. Concluindo que a crise sanitária só veio deflagrar e escancarar as desigualdades sociais, de gênero e raciais, ocorrendo precarização e exploração de trabalho, sofrendo altíssimos índices de violências e retirada de direitos e moradia. Foi notável que existem leis sustentadas pelos direitos humanos, mas que não são eficientes para questões relacionadas ao racismo no nosso país. Ouvir a história de vida dessas três mulheres que se autodeclaram negras e pretas, confirma que cada uma é símbolo de resistência e de lutas diárias, lutas que levam em consideração as especificidades do seu povo, da sua ancestralidade, fortalecendo principalmente o seu ser mulher negra.

Palavras-Chave: mulheres negras, pandemia, racismo.

ABSTRACT: In view of the current historical moment in the world, focusing on Brazil, it is relevant to ask: How do black women living on the periphery narrate the possible rights violations suffered in times of pandemic? It must be spread that violence is widespread, since we still live in a system of colonization, crossed by the lack of access to public policies, until reaching the home / family scope with the issue of domestic violence and also approaching the issue of survival linked to work. The research is an exploratory study with a qualitative approach. The interview in the case was contextualized as a discursive practice and producing meaning to contextualize a reality. Spink and Medrado (2013) refer that it is through language that the social and discursive practices of a context and place start to build and present meaning. The interview that was used in this research is semi-structured. In conclusion, the sanitary crisis only triggered and opened up social, gender and racial inequalities, with precarious work and exploitation, with extremely high levels of violence and withdrawal of rights and housing. It was notable that there are laws supported by human rights, but they are not effective for issues related to racism in our country. Hearing the life story of these three women who declare themselves black, confirms that each one is a symbol of resistance and daily struggles, struggles that take into account the specificities of their people, their ancestry, strengthening mainly their being black women.

Keywords: black women, pandemic, racism.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa encontra-se vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina. Pretendo mapear os efeitos psicossociais das violações de direitos em mulheres negras de comunidades periféricas no período da pandemia do COVID-19. Para tanto, busco dialogar com campo teórico que abarca Psicologia Social Crítica, campo dos estudos de gênero e feminismos plurais, além das pesquisas e produções, sobretudo de mulheres negras, dando visibilidade para os estudos étnico-raciais.

A Organização das Nações Unidas - ONU Mulheres divulgou uma cartilha de informações sobre questões de gênero no período de pandemia do Covid-19¹. O informativo destaca as mulheres que são a maioria na linha de frente, como as trabalhadoras de saúde, dando enfoque também nas que exercem trabalhos domésticos, as profissionais autônomas e as mulheres imigrantes. Além disso, a cartilha alerta para casos atrelados à violência de gênero; apesar de ser um importante meio de conter a transmissão do vírus, o distanciamento social² contribui para tornar a mulher ainda mais vulnerável ao seu agressor. O líder da ONU pediu que fossem tomadas medidas preventivas a essas questões, porém o atual presidente Jair Messias Bolsonaro, ao invés de acolher e gerar informações, utiliza-se das mídias para naturalizar a violência doméstica, culpabilizando somente o isolamento, conforme é visto em sua fala: “Tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam ninguém tem razão. Como é que acaba com isso? Tem que trabalhar, meu Deus do céu. É crime trabalhar?³”.

A culpa da violência doméstica não é do distanciamento social nem do coronavírus. É evidente que ocorre um estresse econômico e um aumento das violências por diversos fatores que acentuam as vulnerabilidades sociais: desemprego, diminuição de renda, fome, dificuldade ou falta de acesso a internet, agravos de saúde, presença de muitas pessoas num espaço físico reduzido, cuidado redobrado com idosos, com crianças que estão fora da escola e tendo que fazer atividades escolares não presenciais, etc. Mas a culpa não é da vítima, há de se falar em responsabilidade dos autores das violências e do próprio Estado que não garante políticas públicas de proteção às mulheres desde antes da pandemia. Além disso, o próprio Estado apresenta poucas iniciativas de ações para os autores das violências, tudo ainda está assentado

¹ BRASIL (org.). **Gênero e Covid-19 Na América Latina e no Caribe: Dimensões de Gênero na resposta**. 2020. ONU-MULHERES.

² Utilizo o termo distanciamento social para referir as questões tidas como preventivas em relação ao Covid-19.

³ BOLSONARO usa violência doméstica para criticar isolamento social. **Catraca Livre**. Brasil, p. 1-1. 30 mar. 2020

no modelo da punição policial no campo da segurança pública, sem uma discussão mais ampla que localize as mulheres vítimas de violências e ou autores dessas violências⁴ numa sociedade estruturalmente machista e patriarcal.

Esse desgoverno vem tentando minimizar as violências desde antes da pandemia quando, por exemplo, reduziram os recursos para combater à violência contra a mulher. Segundo notícias nas mídias entre 2015 e 2019 o orçamento da secretaria da mulher reduziu de 119 milhões para 5,3 milhões⁵ e, apesar de muitas críticas, o atual presidente da república afirmou que não haveria ampliação de investimento e mostrou-se em concordância com isso a atual ministra Damares Alves, responsável pelo Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. É alarmante a naturalização que o presidente faz sobre questões de violências de gênero, dado que houve um aumento de 7,3% nos casos de feminicídios no ano de 2019⁶. E os crimes de ódios causados por questões de gênero vêm aumentando com força bruta, atualmente, cada 02 segundos uma mulher é agredida fisicamente ou verbalmente no Brasil⁷.

É preciso focar que esta pesquisa não está falando de qualquer mulher, mas sim da mulher negra que reside na periferia. Sendo possível afirmar que estas são vulneráveis e que sofrem por conta de questões estruturais de uma sociedade historicamente patriarcal e racista e, ademais, sofrem por opressão de classe. Então é importante falar que dentro do universo de mulheres é preciso entender as particularidades de determinados grupos, apesar de terem o mesmo peso a questão de raça sempre vem antes de gênero:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros (Carneiro, 2003, p.120).

Através disso, Sueli Carneiro aponta que as mulheres negras precisam se concentrar em enegrecer o feminismo cada vez mais e participar dos movimentos negros. Segundo Djamila Ribeiro (2017)⁸, ser mulher negra nas circunstâncias de hoje possui aspectos ligados à hegemonia estruturada pelo racismo patriarcal heteronormativo. De acordo com a autora, o

⁴ Sobre o tema “homens autores de violências” sugiro a leitura das pesquisas de Adriano Beiras (2017).

⁵BRASIL. Pierre Triboli. Agência Câmara de Notícias (ed.). **Deputadas criticam corte de recursos para combate à violência contra a mulher**. 2020

⁶ELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019. 2020. **G1**

⁷RELÓGIO da violência. INSTITUTO MARIA DA PENHA.

⁸ Djamila Ribeiro, O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento. Justificando, 2017.

conhecimento não deve ser hierarquizado e nem generalizar a classe mulher como uma categoria universal. Diante do atual momento histórico que se vive no mundo, dando enfoque no Brasil, torna-se relevante questionar: **Como mulheres negras que vivem em comunidades periféricas narram as possíveis violações de direitos sofridas em tempo de pandemia?**

Dessa forma, o **objetivo geral** é identificar possíveis violações de direitos vividas por mulheres negras que residem em um território da periferia de Florianópolis no período de pandemia, por intermédio das respectivas narrativas destas. É preciso propagar que as violências são amplas, sendo que ainda vivemos num sistema de colonização, atravessa a falta de acesso às políticas públicas, até chegar no âmbito domiciliar/familiar com a questão de violência doméstica e abordando também a questão de sobrevivência interligado ao trabalho. Baseado no objetivo geral, a pesquisa foi direcionada aos seguintes objetivos específicos:

- Problematizar os efeitos psicossociais do racismo estrutural durante a pandemia, a partir das narrativas de mulheres negras de comunidades periféricas de Florianópolis.
- Conhecer as resistências das mulheres negras que vivem violações de direitos a partir da rede de apoio no território durante a pandemia;
- Analisar os efeitos da pandemia COVID-19 nas vidas de mulheres negras de comunidades periféricas.

Abordarei a importância das lutas (movimento e feminismo negro) e os efeitos na constituição subjetividade da mulher negra e na formação de uma rede de apoio entre elas. Para isso realizei uma incursão nas bases de dados SCIELO e PEPSIC a fim de ampliar o repertório teórico desta pesquisa⁹. Os critérios escolhidos para selecionar os artigos foram: estudos produzidos por mulheres, com recorte temporal dos últimos 10 anos e elaborados no Brasil. Dentro desses recortes, foram selecionados 09 artigos, somente 02 pertencem a área da Psicologia, com informações que contemplavam a pergunta de pesquisa.

Assim sendo, a relevância científica desta pesquisa busca compreender quão relevante é a discussão acerca da intersecção entre gênero, raça e classe no processo psicossocial de mulheres negras que residem em uma periferia da grande Florianópolis, no período atual de pandemia. Com o objetivo de contribuir com o debate de questões de opressão frente aos direitos humanos.

⁹ Foram utilizados os seguintes descritores: racismo, feminismo, feminismo negro, patriarcado, capitalismo, mulher negra, opressão, opressão de classe, gênero, violência, violência de gênero, violação de direitos, população negra, pandemia, quarentena, totalizando 95 produções

A priori não tem como pensar no Brasil sem pensar que ele é constituído pela violências étnico-raciais. Na leitura dos textos percebe-se que as mulheres negras sofrem violações de direitos há décadas, a população negra em si, é vista como minoria perante o acesso a direitos. Porém é perceptível que atualmente estamos vivendo um período de retrocesso nos direitos das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade. Nesse grupo de vulnerabilidade, está a população negra, nas periferias, está, portanto, o recorte dessa pesquisa sobre a mulher negra periférica. Sim, a pandemia chegou ao Brasil fixada às questões de opressão social. E questiono, quais foram as medidas preventivas contra a pandemia? E ela foi acessível? O que a sociedade em si está fazendo para que o COVID-19 não elimine a população negra?

A Psicologia até o século XIX estava conectada com teorias eugenistas, conseqüentemente fez usos de técnicas para diferenciar etnias durante anos. Atualmente, a psicologia é considerada ciência e profissão e busca contribuir para uma compreensão sobre o racismo e os desdobramentos dele na subjetividade daquele que sofre. A Psicologia Social, enquanto campo de saber, busca dar visibilidade às questões étnicas raciais, contribuindo no debate e na formação profissional, abordando o tema de maneira transversal. Essa pesquisa torna-se significativa, pois buscou entrevistar mulheres negras periféricas no período de pandemia e contextualizando com o referencial teórico estudado na abordagem social da psicologia.

2. MÉTODO

Esta pesquisa pretende apresentar os sentidos e as vivências narradas por mulheres negras periféricas durante o período de pandemia. Spink e Medrado (2013), compreendem o sentido como uma construção social, onde as pessoas lidam com situações e fenômenos a partir da dinâmica das relações sociais, históricas e culturais. Meu trabalho busca problematizar e analisar sobre como as mulheres negras são atacadas a todo instante por uma sociedade patriarcal e racista, visto que estas mulheres sofrem diariamente com violações de direitos como: violência doméstica, desamparo e/ou escassez de políticas públicas isso tudo associado a um estresse econômico intensificada por narrativas de alguns governantes que criaram campanhas públicas: “o país não pode parar”¹⁰, se não a economia quebra.

A pesquisa se trata de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa conforme Minayo (2007), se preocupa com a compreensão da temática e não com a

¹⁰ Como foi o caso do prefeito da cidade de Milão Itália e do presidente Jair Bolsonaro no Brasil. Campanhas que estimulam o retorno das pessoas à vida social para garantir a economia em detrimento a vida (PODER360, 2020).

questão numérica, sendo assim, “corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p.21). A pesquisa exploratória deve se constituir, segundo Minayo (2007), como tempo de produção de todos os procedimentos necessários para poder ir a campo. Ainda sobre pesquisa exploratória pode-se afirmar que são “aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no sentido de seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (MINAYO, 1992, p.10).

Segundo Minayo (1992) a entrevista é um instrumento privilegiado para coleta de dados devido à possibilidade de falar para revelar condições, de sistemas de valores, normas e símbolos de grupos selecionados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais. Spink e Medrado (2013) remetem que é por meio da linguagem que as práticas sociais e discursivas de determinado contexto e local passam a construir e apresentar sentido. Sendo atribuído a entrevista um fator fundamental:

numa entrevista, as perguntas tendem a focalizar um ou mais temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenham sido alvo de reflexões, podendo gerar práticas discursivas diversas, não diretamente associadas ao tema originalmente proposto. Estamos, a todo momento, em nossas pesquisas, convidando os participantes à produção de sentido (SPINK e MEDRADO, 2013, p.25-26).

A entrevista no caso se contextualizou como uma prática discursiva e produzindo sentido para contextualizar uma realidade. A entrevista que foi utilizada nesta pesquisa é a semiestruturada, ou seja, teve um roteiro de perguntas, porém por não ser fechada obteve uma flexibilização na construção dos sentidos. De acordo com Minayo (2007), entrevista semiestruturada, o entrevistador não precisa prender as perguntas formuladas.

Nesse sentido foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três mulheres negras e/ou pretas e que atuam como lideranças comunitárias no território. O critério de inclusão para alcançar o objetivo dessa pesquisa foram: mulheres que se autodeclaram negras e/ou pretas, que estivessem atuando como liderança comunitária em uma comunidade periférica da Grande Florianópolis¹¹ no período de pandemia, com idade igual ou superior a 18 anos.

Primeiramente foi realizado os processos exigidos para uma pesquisa contendo seres humanos, após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade do

¹¹ A região metropolitana da Grande Florianópolis, instituída pelo art. 1º da lei Complementar nº 636, de 09 de setembro de 2014 é composta pelos Municípios: Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, **Florianópolis**, **Palhoça**, Santo Amaro da Imperatriz, São José, São Pedro de Alcântara e Governador Celso Ramos

Sul de Santa Catarina¹² foi realizado o contato com entrevistadas e encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorização da pesquisa.

O convite para participar da pesquisa foi realizado através de mensagem por aplicativo com as próprias mulheres como forma de estabelecer um primeiro contato e gerar vínculo. No primeiro contato eu me apresentei como estudante de psicologia e foi apresentado o motivo pelo interesse no recorte da pesquisa. Após foi encaminhado via e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorização da pesquisa e foi realizado o agendamento da entrevista.

Perante o contexto de isolamento causado pela pandemia Covid-19, a entrevista aconteceu de forma remota, a plataforma escolhida foi Meet, as entrevistas aconteceram em dias diferentes, sendo o dia e horário escolhido por cada participante. Tanto a entrevistada quanto a entrevistadora estavam em suas residências, em ambientes livres de ruídos, com iluminação adequada e preservando o sigilo da entrevista¹³. Foram apresentadas a possibilidade de desistência em qualquer momento da entrevista. No início de cada entrevista, foram reforçados os objetivos pretendidos com essa pesquisa, os objetivos éticos e riscos e benefícios da participação das mulheres na pesquisa. Se as entrevistadas apresentassem desconforto seria realizado um acolhimento imediato e incumbida de fazer o encaminhamento para os serviços de acolhimento da demanda específica. Foi realizado também um convite para elas comparecerem na defesa pública do TCC II, como forma de devolutiva.

3. ANÁLISE DOS DADOS

As participantes são mulheres cis, que se autodeclararam negras ou pretas¹⁴ e que exercem lideranças comunitárias ou em movimentos no território periférico da Grande Florianópolis, não foi utilizado pseudônimos para identificá-las, uma vez que autorizaram o uso dos seus nomes nesta pesquisa.

Tânia, uma mulher que se autodeclara negra, tem 55 anos. Detém o ensino médio completo e, é técnica em enfermagem. Reside na comunidade da Colônia¹⁵ a 54 anos, é líder

¹² Por se tratar de estudo envolvendo seres humanos, a presente pesquisa foi submetida e aprovada sem restrição pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob o CAAE nº 35644520.1.00005369

¹³ As entrevistas foram gravadas através de um gravador de áudio. Portanto, não foram utilizados os gravadores oferecidos pela própria plataforma.

¹⁴ A partir de agora usarei a palavra negra e preta juntas, isso porque é necessário fazer esse debate sobre o colorismo no Brasil.

¹⁵ A comunidade da Colônia fica localizada na parte continental de Florianópolis, situada no coração do Estreito, surgiu em meados dos anos 40. Poucas informações sobre esse território, as informações encontradas estão geralmente ligadas a escola de samba “Unidos da Colônia”, que por sinal é o amor da comunidade.

comunitária e de movimentos populares e sociais. Possui 4 filhos e atualmente mora com o companheiro e o afilhado.

Jussara, uma mulher que se autodeclara negra, tem 42 anos. Reside na comunidade Frei Damião¹⁶ aproximadamente 20 anos, é coordenadora do UNEGRO¹⁷. Detém ensino superior completo em pedagogia, técnico em enfermagem, técnicas em vendas. Atua como professora, porém por conta da pandemia está com o seu contrato suspenso e nas horas vagas como forma de ganhar um extra realiza faxinas. Mora somente com seu marido e não possui filhos.

Priscila, uma mulher que se autodeclara preta, tem 35 anos e atualmente não reside na comunidade, mas morou no território do Monte Serrat¹⁸ durante 25 anos, ao falar sobre sua liderança comunitária ela conta que, *“então quando tu falou na liderança na verdade pra mim é tudo muito misturado a liderança com a religiosidade que eu vou me encontrando e vou me percebendo nesse lugar”*. Tem o ensino superior completo e mestrado na educação, atualmente trabalha como professora em sistema remoto devido a pandemia. Reside com seu marido e não possui filhos.

PERFIL DAS ENTREVISTADAS:

NOME	Tânia	Jussara	Priscila
Idade	55 anos	42 anos	35 anos
Estado civil	solteira	casada	casada
Gênero	mulher	feminina	mulher hetero
Autodeclaração de identidade de raça	negra	negra	preta
Com quem reside	Companheiro, afilhado.	Marido	Esposo

¹⁶ A comunidade Frei Damião, fica localizada na Palhoça ao lado do condomínio Pedra Branca, é uma comunidade plana, porém é a maior “favela” do estado de SC, tendo mais de 10.000 habitantes. Ao pesquisar sobre a comunidade, poucos dados foram apresentados, isso só reforça a omissão do estado e do próprio município de dar visibilidade a essa comunidade.

¹⁷ A União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) é uma entidade nacional suprapartidária, fundada em 1988, em Salvador, na Bahia. A UNEGRO/SC foi fundada no dia 06 de março de 1994, é uma entidade sem fins lucrativos, é suprapartidária, plurirracial de maioria negra, lutam contra a discriminação racial.

¹⁸ A comunidade do Monte Serrat fica localizada na região central de Florianópolis e pertence ao Maciço do Morro da Cruz. Apesar da longevidade do Monte Serrat e da presença de elementos reconhecidos pela cidade como a Copa Lord e a igreja do Padre Vilson, as políticas de patrimônio histórico e cultural não direcionaram seu olhar ao morro.

Possui filhos/as? número de filhos/as:	sim, 4 filhos	não	não
Representa qual comunidade	Coloninha	Frei Damião	Monte Serrat
Mora há quanto tempo na comunidade	54 anos	aprox. 20 anos	Morou aproximadamente 25 anos
Escolaridade	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Completo em pedagogia	Ensino superior Completo e Mestrado em educação
Profissão	Técnica em Enfermagem	Professora, Téc. enfermagem, Técnicas de vendas e como extra faz faxina	Professora
Qual liderança exerce	Exerce liderança comunitária e movimentos populares e sociais	Coordenadora da UNEGRO	<i>vou me percebendo nesse lugar</i>

Elaborado pela acadêmica

3.1 Os Significados de reconhecer-se mulher negra/preta

O que é comum na trajetória das três mulheres entrevistadas é a resistência que elas vivem a anos, e a partir disso constroem a sua identidade, de viver em uma sociedade que oprime e exclui. Nilma Lino Gomes (2003) informa que, dentre as múltiplas identidades sociais que as negras constroem, a identidade negra é uma delas. Priscila ao ser questionada sobre o que é ser mulher negra relata:

Ser mulher negra pra mim tem um grande desafio, porque é muita coisa junto na verdade assim, porque não é só ser mulher, é o meio que você vive, a forma como você fala, como você se comporta, é meio social, é o gênero, é a classe.

“Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social” (GOMES, 2003 p.171), a opressão não é de hoje, a mulher negra sofre violações a décadas:

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: a de ser mulher em uma sociedade machista e a de ser negra em uma sociedade racista (MUGANGA; GOMES, 2006, p. 133)

Em uma de suas falas sobre ser mulher negra, Tânia fala um pouco sobre essas opressões que ocorrem a anos:

Tanto hoje como antigamente não é fácil ser mulher e ser mulher negra né. As dificuldades são muito grandes. A gente trabalha nessas comunidades a gente sabe a dificuldade que nós temos nesses espaços, onde o preconceito o racismo sempre falam mais alto, então essa é uma dificuldade muito grande entre nós mulheres negras temos na nossa sociedade, principalmente quando a gente sai da nossa comunidade e vai para as ruas, pra tentar conseguir um trabalho, para se conseguir um médico, para se conseguir uma escola

As mulheres sofrem em consequência de uma sociedade estruturalmente marcada pelo patriarcado¹⁹, enquanto mulheres negras são marcadas por opressões de raça, classe entrelaçadas ao machismo, sem qualquer hierarquia. Deste modo é possível afirmar que todas as mulheres sofrem opressões ligadas ao sexismo, porém “atinge de forma mais grave aquelas que combinam mais de uma opressão” (RIBEIRO, 2018, p.133).

Carla Akotirene (2019) traz em seu trabalho todas as coisas que interferem nas mulheres negras, ampliando para além de raça e gênero, reflete sobre questões de classe, corpo, cor, colonialismo e pós colonialismo, uma vez que são múltiplas as intersecções que abrangem as diferentes mulheres. “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológico à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p.19).

Quando questionada sobre quais os maiores enfrentamentos enquanto mulher negra Priscila relata um pouco da sua experiência enquanto aluna/pesquisadora e como professora:

Porque eu nunca esqueço das falas que minha orientadora disse, por mais que ela seja doutora, pós doc, a todo momento por ela ser uma mulher negra - nós todo momento, todos os dias, todas as horas temos que provar quem somos e do valor que nós temos. E isso de certa forma é cansativo, é muito cansativo, porque não é só provar quem somos, porque eu sou professora e quando vejo uma criança negra, por exemplo, numa escola e fala que não gosta do seu cabelo, isso de certa forma também mexe comigo e com o meu valor de ser uma mulher negra, e também essa autoestima que está muito atrelado, interligado assim e aí penso como professora o que eu vou fazer com essa informação que eu tenho

A visão interseccional em relação às opressões é importante, pois desconstroem a representatividade de uma mulher universal, “não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto” (RIBEIRO, 2017, p. 43).

Quando a entrevistada conta sobre a fala de uma de suas alunas “não gostar do cabelo” é possível identificar que a negra precisa negar sua própria identidade para ser aceita pela

¹⁹ Patriarcado para Botton (2007), foi a naturalização histórica da superioridade masculina que se dava por conta da visão biológica dos corpos feminino e masculino, referindo-se ao corpo masculino como superior e por consequência apta a dominar – por possuir um falo – considerando que a diferença entre os sexos era algo dita como inquestionável.

sociedade, passando assim a ser inimiga dos seus próprios traços. De acordo com Neusa Santos Souza em sua obra *Tornar-se Negro* (1983, p. 21), “foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco - ainda que tendo que deixar de ser negro - que o negro buscou via ascensão social tornar-se gente”.

Mas apesar de viverem com tantas opressões, a mulher negra é o significado de resistência. Conforme Jussara, *ser mulher negra é batalhar todos os dias, é mostrar que você pode todos os dias e estar sempre mostrando um sorriso no rosto sempre na luta, correndo atrás dos seus objetivos*. Portanto:

Ser negro é [...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p.77).

3.2 Experiências de mulheres negras: em tempo de pandemia

A periferia é marcada por relações étnico-raciais e de gênero acentuando a classe. Ribeiro (2018), introduz o feminismo negro, como não universal, entendendo que formas de opressão são marcadas por raça, classe e gênero. “O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos” (Ribeiro, 2018, p.7).

O feminismo utilizou durante anos categorias que neutralizou problemas referente a discriminação racial e segregação da população negra perante a sociedade. Esse caminho a invisibilidade a essas demandas contribuiu para que as mulheres negras ficassem insatisfeitas²⁰. É possível afirmar que todas as mulheres sofrem opressões ligadas ao sexismo, porém “atinge de forma mais grave aquelas que combinam mais de uma opressão” (RIBEIRO, 2018, p.133). Não tem como não falar do feminismo, sem falar sobre o feminismo hegemônico²¹, esse feminismo silenciou e muito a mulher negra, porém esse conceito ocidental é bastante utilizado nas obras bell hooks, para salientar uma crítica a esse modelo de feminismo. Durante muito

²⁰ Davis (2016), refere que a escrava não poderia ser considerada como sexo frágil e nem dona de casa, uma vez que o lugar de trabalho sempre foi o da mulher negra. E essa é uma das críticas que o feminismo negro traz, pois a mulher negra desde o período colonial resiste e luta pelo direito de sobreviver, diferentemente da mulher branca. Enquanto na época as mulheres brancas lutavam pelo direito de votar e trabalhar, as mulheres negras lutavam para ser consideradas seres humanos (RIBEIRO, 2018).

²¹ “(...) feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher” (RIBEIRO, 2017, p. 21).

tempo foi seletiva, buscando somente a emancipação dos cuidados do lar e assumir condições de trabalho, sem ao menos notar a dupla jornada de trabalho da mulher negra.

Tânia fala um pouco sobre essa luta contra desigualdade e o processo antirracista:

(...) na verdade nós não temos nada, e eu coloco pra ti a questão da resistência, a resistência das mulheres, a resistência das mulheres negras, pra que possa construir, porque nós temos muito o que construir, nada vem pronto pra gente, até porque não queremos nada pronto, nós queremos construir realmente, mas a situação é tão difícil que até pra construir é difícil né, até para gente criar um mecanismo é difícil, ainda mais agora com a pandemia, porque agora afastou mais as pessoas, aí que piorou, aí que as coisas se tornaram muito mais difícil do que a gente estava vivendo. Mas eu acho que a gente tem que insistir, nós temos que ter um trabalho árduo, nós temos que ter pessoas que possam falar essa linguagem a todo momento, criar esses mecanismos, criar toda essa parte estrutural a todo momento

Se o movimento feminista foi insuficiente nas questões étnico-raciais, o movimento negro durante muito tempo deu ênfase nos debates raciais, porém não ampliou em relação a questão de gênero. As mulheres negras precisam fazer um duplo movimento: “enegrecer o feminismo, e de outro, feminizar o movimento negro” (CARNEIRO, 2011). De acordo com Ribeiro (2018), é a partir da década de 1990 que se intensificam críticas à universalidade, isso porque os conceitos históricos das mulheres brancas são diferentes dos das mulheres negras, esse fato ficou conhecido como a terceira onda do feminismo. O feminismo deixou de considerar somente a questão de gênero e passa a deter recorte de classe e raça que já vinha sendo tensionado pela segunda onda feminista.

Em relação às questões referentes às violações de e garantia de direitos, gostaria de registrar nesse texto que um dos primeiros casos de covid-19 no país, que conseqüentemente foi o primeiro caso de óbito no estado do Rio Janeiro, se tratava de uma trabalhadora doméstica de 63 anos, negra, e que contraiu o vírus pela patroa branca que havia retornado de viagem. Tânia relata esse caso como forma de informar que muitas vezes é a mulher negra que é a fonte de renda da casa:

A questão do isolamento prejudicou mais ainda a questão das mulheres, mulheres negras, porque pra tu ter uma ideia a primeira pessoa que morreu de covid foi uma empregada negra né, então, os que mais morrem são os negros realmente e, por conta de estar morando nas periferias, sem ter conhecimentos, sem ter o uma saúde, uma orientação adequada para que a gente pudesse está tendo esse controle. E, também, a própria questão da sobrevivência, a pessoa tem que sair pra trabalhar, muitas delas tem que sair, né, muitas delas tem que ir pro trabalho.

A pandemia só intensificou a desigualdade brutal que já ocorre há anos, e essas mulheres precisam a todo momento buscar formas de sobrevivências. Jussara contou que por conta da pandemia seu contrato foi suspenso²² e conseqüentemente seu salário reduzido:

O impacto mais foi o financeiro né, eu trabalho em uma escola, que eu dou aula que é um CEI²³, por ser um CEI a gente teve que fechar as portas, ficar em casa porque era as crianças e com isso teve um impacto no financeiro, então a gente só tá recebendo pelo governo e a gente tem carteira assinada, então bem dizer assim se você tem carteira assinada você não tem direito a nenhum outro auxílio e sim aquele que o governo manda que não chega nem a ser o teu salário, então a gente teve que se virar com isso.

Porém em tempo de pandemia não foi somente a desigualdade que aumentou, mas também a sobrecarga de trabalho da mulher. *A diferença é o ficar mais em casa né, o trabalho online, o trabalho aumenta, o serviço de casa também aumenta né, e tu fica mais cansada do que antes, foi o que mudou estando na pandemia*, conforme o relato de Jussara.

É evidente que o vírus não escolhe classe, raça ou gênero, mas é evidente após o contexto histórico que o Estado reforça o quanto a democracia é restrita, e que a pobreza no país tem cor, gênero e território. Sendo possível relatar a teoria do epistemicídio abordado por Sueli Carneiro (2005), que reforça o não reconhecimento do “outro”²⁴ deixando-o às margens.

Priscila ao falar sobre como lida com o distanciamento relata que

(...) e não é uma dor isolada, é uma dor coletiva né, dor no sentido de que, me colocando como professora que também atua numa comunidade carente eu vi o quanto as famílias não querem a educação naquele momento, mas sim o que comer, o que vestir, e que muitas famílias acabaram sendo despejadas: seja do serviço, ou do aluguel que não conseguiu pagar, e aí como é que a gente faz tudo isso né, dá valor ao que nesse momento né?

Essa realidade é marcada pelo racismo por conta da crença de uma democracia racial²⁵, tornando-as mais vulneráveis às violências e à exclusão social. Os movimentos sociais buscam um avanço contra a marginalização das mulheres negras e sua ascendência destacando a questão de raça e classe, empenham-se para promover igualdade de direitos.

²²A Medida Provisória 936/2020 estabeleceu a possibilidade da suspensão do contrato de trabalho durante a pandemia do coronavírus.

²³ CEI - Centro de Educação Infantil

²⁴ O outro é referido como população negra. “(...) demonstrar a existência, no Brasil, de um contrato racial que sela um acordo de exclusão e/ou subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpri função estratégica em conexão com a tecnologia biopoder” (CARNEIRO, p.90, 2011).

²⁵ O mito da democracia procurava ocultar as desigualdades raciais e o racismo no Brasil. O termo democracia racial se referia a igualdade das raças e proibiam as discussões das desigualdades entre negros e brancos, ou seja, impossibilidade de falar sobre racismo (CFP, 2017, p. 46).

As diferenças raciais aparecem também entrelaçadas à questão de gênero, conforme é demonstrado pelo Mapa de Violência de 2019²⁶. Sendo verificado que a taxa de homicídios de mulheres brancas teve um aumento de 4,4%, entre os anos de 2007 e 2017, enquanto o mesmo indicador para as mulheres negras teve um aumento de 29,9%. A desigualdade racial se torna mais evidente quando se denota que 66% de vítimas de feminicídio (“violência letal”) são mulheres negras. E com a pandemia ocorreu um aumento nos casos de violências contra mulher, Tânia relata que *a questão da violência doméstica é uma questão do próprio desprezo que nós temos na nossa sociedade*.

O isolamento social é o método mais seguro para prevenir a disseminação do Covid-19, porém dados mostram que no mundo todo houve um aumento nos casos de violência doméstica²⁷ nesse período e aqui no estado de Santa Catarina não foi diferente:

6.771 casos de violência doméstica foram registrados em Santa Catarina entre março e abril, período em que o decreto de isolamento social já estava em vigor no estado. Em média, cinco catarinenses foram vítimas de agressores a cada hora durante esses dois meses (SANTA CATARINA, 2020).

Em decorrência ao aumento de casos de violências sofridas por mulheres e com objetivo proteção da vítima e fortalecimento das redes de acolhimento, a ONU Mulheres Brasil lançou as Diretrizes para Atendimento em Casos de Violência de Gênero contra Meninas e Mulheres em Tempos da Pandemia COVID-19²⁸.

3.3 Liderar é nadar contra opressão: “nós que estamos dentro das nossas comunidades a gente sabe a realidade, a gente sabe”

Início este tópico falando de Dandara, não tem como falar da liderança da mulher negra e não citá-la, porque se a história tentou limitá-la como “mulher de Zumbi”, nós mulheres, mulheres negras e pretas apresentaremos a verdadeira história de Dandara que ficou reconhecida pelo seu heroísmo e por elaborar estratégias de guerra, como forma de defender o quilombo. Conforme Costa (2017, p.4), “Dandara dos Palmares é tomada como um ícone da resistência negra feminina, um símbolo de representatividade para as mulheres negras”. No entanto, não esqueçamos de tantas outras “Dandaras”²⁹ que lutaram e lutam e inventam e modificam os modos de resistência ao racismo e as violências.

²⁶Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

²⁷ Em caso de violência contra a mulher, ligue **180** - Central de Atendimento à Mulher

²⁸WANIA PASINATO (Brasil). ONU. **Diretrizes para Atendimento em Casos de Violência de Gênero contra Meninas e Mulheres em Tempos da Pandemia COVID-19**. 2020.

²⁹ quais nunca saberemos o nome e história.

Falar em lideranças nesse período atual é falar de persistência e resistência e com isso as lideranças comunitárias buscam o fortalecimento de enfrentamento dos desafios evidenciados no período de pandemia, Tânia fala um pouco sobre seu trabalho como liderança no território:

Eu faço parte aqui do conselho de saúde do Monte Cristo que fica bem próximo aqui da minha comunidade da Coloninha. A gente tem feito um trabalho incansável referente a conscientização tentando levar para as pessoas toda essa questão dos cuidados, de que o COVID realmente mata mais mulheres negras e negros da periferia por conta da má informação. A gente precisa estar mais fortalecido para que possamos avançar, avançar mais.

A pandemia mostra com ênfase as desigualdades que mulheres, jovens, homens, idosos, crianças e famílias³⁰ que vivem nesse território enfrentam a anos, porém sem qualquer dúvida o fator Covid-19 trouxe mais desafios na camada de desigualdade. Foram realizadas iniciativas dentro das comunidades como forma de fortalecer a rede de solidariedade, Priscila narra:

A gente foi conversando com vários conselheiros do maciço para que pudéssemos amenizar isso tudo, porque não íamos conseguir estar ampliando e atingindo a todos. O que a gente fez é que cada ruela da comunidade tivesse uma pessoa responsável para ver o que cada família precisava naquela servidão, e isso ajudou muito porque a informação chegou muito mais rápido, tendo alguém que pudesse trazer essas informações.

Essas iniciativas se deram porque não foram criadas políticas de acesso em tempos de pandemia nos territórios periféricos de Florianópolis. Para uma população que muitas vezes mesmo antes da pandemia não tinham acesso a água e uma infraestrutura adequada a solução estabelecida pela mídia e pelos governantes era álcool em gel e, assim questiono: para quem o governo está se dirigindo? Para quem ele governa? Jussara questionada sobre como se estabeleceu o apoio a comunidade relata:

teve o apoio da alimentação né. Teve muitas pessoas que me procuraram para entregas das marmitas, teve entrega de roupa de inverno, teve apoio de algumas empresas aqui do lado, da Pedra Branca, que ajudaram bastante e tiveram vários apoiadores. O governo não deu nenhum apoio e nem a Prefeitura de Palhoça deu apoio, foram pessoas que fizeram doações e deram todo o apoio para o povo. Continuam dando, diminuiu um pouco agora, mas os mais necessitados continuam recebendo o apoio.

Jussara ao ser perguntada sobre o que não mudou durante o período de pandemia, relata que:

as cooperativas que continuam trabalhando, que as cooperativas aqui a maioria é de reciclagem né, o trabalho com as mães, o trabalho com a CUFA que agora também ajuda algumas mães, e aqui tem vários outros projetos, tem o projeto da dona Laura,

³⁰ família na sua mais diversa forma de ser

tem o AEBAS, tem o Mercado do Alemão que ajuda bastante também e ele já foi presidente do bairro, tem nós da UNEGRO, então são coisas que continuam funcionando. A escola também tem uma diretora boa que ajuda bastante e aí eles estão fazendo atividades com as crianças para elas não ficarem sem fazer nada, as atividades escolares, né. Os projetos continuam com as atividades escolares, acho que foi o que se manteve assim no antes e no pós-pandemia, pós não né porque não terminou ainda, que continuam ainda na pandemia.

É visível a importância das movimentações das lideranças, associações comunitárias e movimentos, visto que a fala anterior denota uma ausência significativa da presença do Estado nesses territórios.

Quando falo em liderança comunitárias nesse território não consigo desassociar da luta do Movimento Negro Unificado (MNU), sendo importante destacar a participação de Lélia Gonzalez como uma liderança e uma intelectual política que participou do primeiro Ato Público do MNU garantindo de forma simbólica um movimento negro em caráter nacional. O ato ocorreu na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo, no dia 07 de julho de 1978, como forma de manifesto foi apresentado uma carta³¹ em repúdio a condições históricas de marginalização do negro e discriminação racial, sendo apresentando ações pelas quais militaria.

O MNU possui até hoje várias frentes de lutas e enfrentamentos ao racismo e opressão no Brasil, entre elas a do reconhecimento pelos territórios quilombolas, a luta pela garantia de direitos dos quilombolas à terra, história, memória, ancestralidade, oralidade, saúde, educação, moradia, cultura, religiosidade etc.

O racismo está atrelado à questão: política, social, cultural e econômica. As lideranças comunitárias lutam contra desigualdades sociais e econômicas através de projetos antirracistas, porém essa luta não é algo novo a décadas o Movimento Negro Unificado (MNU) luta por mais igualdades raciais. Domingues (2007) relata que o MNU luta contra o racismo, desmistificação da democracia racial brasileira³², exploração da trabalhadora, luta contra a violência policial, e por uma educação antirracista que introduza a história do Negro no Brasil. Portanto, o Movimento Negro Unificado é considerado como marco histórico pois surge com a proposta de unificar a luta antirracista em nível nacional.

Apesar de anos de lutas, elas continuam praticamente as mesmas, como foi relatado por Iêda Leal³³ ao Portal Geledés “nós tínhamos a convicção de que a luta contra o racismo e a

³¹“Hoje estamos nas ruas numa campanha de denúncia! Campanha contra discriminação racial, contra opressão policial, contra o desemprego, o subemprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra. Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o negro! Estamos saindo da sala de reuniões, das salas de Conferências e indo às ruas. Um novo passo foi dado contra o Racismo” (GONZALEZ, 1982).

³² Carneiro (2011) narra o quanto esse processo de miscigenação e branqueamento ainda é frequente no Brasil, sendo o branco o ideal do humano, reforçando mito da democracia racial.

³³ Atual coordenadora do MNU nacional

discriminação racial nesse país, só teria êxito quando nós reconhecêssemos que o Estado Brasileiro é racista”³⁴. O que a autora quer relatar é que a culpa não é somente da sociedade, mas sim do Estado.

O descaso com as comunidades periféricas não é algo atual, como já foi dito anteriormente, porém com as recomendações inviáveis de serem realizadas neste território a pandemia só escancara os problemas vivenciados nesse território. Tânia ao falar dos impactos da pandemia deixa *escurecido*³⁵ mais uma vez, que os governantes não pararam para pensar no efeito que o vírus do Covid-19 causaria nas pessoas que residem nas comunidades:

Outras coisas que me deixam triste é a questão do abandono deste Governo Federal com a população. A gente vendo pessoas morrendo todos os dias, os hospitais lotados, a falta de respeito com a população é muito grande, muito grande. A gente vê em que local os nossos governantes estão, aqui tanto governador quanto o do município fazendo joguinhos sabe, com a população, é, vamos flexibilizar isso, aquilo ali, e tem que ter cuidado, abre e fecha e abre, entendeu, como se o pessoal fosse uma bola de ping-pong.

Foi um período de abandono, uma vez que além de recomendações inviáveis, as lideranças comunitárias passam uma informação enquanto os governantes pregavam outras e continua: “*temos esse governo que pouco se importa com a vida das pessoas*”.

Isso é reflexo de um Estado racista e, conota em mim muito as falas do atual infeliz presidente, falas de quem sempre teve no lugar privilegiado, de homem cishetero e branco, falas explícitas de racismo e falas “mascaradas” sobre o racismo, quando sugere que a população em tempos de quarentena deve retornar ao trabalho, pois o país precisa da economia, é evidente que ele está se limitando à população mais vulneráveis, de classe baixa, as que não conseguiriam movimentar a renda fazendo seu trabalho em casa.

Por conta da vulnerabilidade às lideranças comunitárias vem buscando articular os problemas permanentes (racismo, exclusão, invisibilidade) associados ao período de pandemia, pois muitas mulheres³⁶ e famílias perderam seus trabalhos como consequência do COVID-19, buscando dar suporte desde entregas a cestas básicas, dar informações e também no cadastramento do auxílio emergencial, conforme Priscila relata:

(...) já dávamos apoio antes. Mas com a pandemia teve muitas famílias pedindo, por exemplo alimento, então teve apoio de várias empresas que nos ajudaram a manter essas famílias, para garantir pelo menos o sustento. Apesar que a renda que o

³⁴Informação retirada do site Portal Geledés: MNU: 40 anos de luta contra o racismo, reagir, re(sobre)viver, descolonizar para real democracia. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mnu-40-anos-de-luta-contra-o-racismo-reagir-resobreviver-descolonizar-para-real-democracia/>>. acesso em 26 de junho de 2020.

³⁵ A palavra *escurecido* é apresentado como antagonista a palavra claro, uma vez que a palavra clareza apresenta cunho racista.

³⁶ Coloco mulheres na frente das famílias, pois ficou evidenciado a predominância das mulheres como chefe de família nesse território.

governo dá não é o ideal, mas é o que se tem, mas sabemos que seiscentos reais (R\$600) não vai sustentar uma família que tem cinco filhos e ainda tem conta pra pagar, e não sabe se paga conta ou se come, entendeu, é bem complicado.

As lideranças comunitárias serviram como assistência a outras mulheres, mulheres negras em relação ao auxílio emergencial. Jussara conta como foi realizado esse suporte para conseguir o auxílio emergencial:

“a gente fez o QG na escola, onde a escola forneceu a internet, tem muitas pessoas que não tem celular, que não tem internet em casa. Pensamos numa fila enorme e tivemos que controlar o distanciamento para realizar todos os cadastros”.

Referente ao cadastramento realizado na comunidade Priscila conta um pouco sobre como foi realizado e enfatiza o quanto esse cadastro foi de certa forma mais uma violência, visto que ao se tratar de um acesso digital e aumenta muito o fator excludente:

Eu sei que muitos moradores da comunidade tiveram que pedir ajuda pro conselho comunitário para conseguir se cadastrar e mesmo assim é um cadastro que causa muita desistência, porque é como se fosse uma luta diária, você já tá sofrendo porque você quer comer, quer pôr comida na mesa e ainda tem que lidar com esse mecanismo que nem sempre todos tem acesso de forma garantida, ou porque não entendem muito como preencher e precisam de alguém pra estar preenchendo. Então de certa forma muitas famílias tiveram dificuldades para preencher esse aplicativo. E não foi simples, foi uma forma de dificultar a pessoa e ainda teve que aguardar a análise né.

Isso porque essas mulheres não foram alçadas, pois ela muitas vezes não tem acesso a internet e nem sequer um aparelho celular, Tânia referente a essa falta de acessibilidade desabafa “*nós que estamos dentro das nossas comunidades a gente sabe a realidade, a gente sabe!*”, e complementa fazendo uma crítica ao atual governo:

porque se não fosse o programa do Bolsa Família³⁷, eles não teriam atingido nem metade da população. E muita gente está sem receber, muita gente não conseguiu alcançar, por conta de todos esses entrados e inclusive a questão da internet.

Por se tratar de um fator digital, e muitas mulheres e famílias apresentaram dificuldades, ou por não ter acesso a internet ou até mesmo pela burocracia que o aplicativo demandava, e se não fossem as lideranças esses cadastros não teriam sido acessados, Jussara fala sobre esse trabalho e o quanto ele foi necessário:

foi, foi acessível pelos cadastros que eu fiz, muita gente foi aprovada, porque a gente fez um polo para ajudar a cadastrar, porque muitas pessoas não sabem ler, não sabem

³⁷ “O Programa Bolsa Família foi instituído pela Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e regulamentado pelo Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004. A Portaria Interministerial nº 2.509, de 18 de novembro de 2004, por sua vez, dispõe sobre as atribuições e normas para a oferta e o monitoramento das ações de saúde relativas ao cumprimento das condicionalidades das famílias beneficiadas. O Programa Bolsa Família foi criado para apoiar as famílias mais pobres e garantir o direito aos serviços sociais básicos. Para isso, o Governo Federal transfere renda direto para as famílias, sendo o saque feito mensalmente, além de promover o acesso à saúde, educação e assistência social.” (BRASIL, 2010, p.7).

escrever, teve duas que não conseguiram por um erro de cadastro por conta da troca de telefone, põe o telefone de um, bota o telefone do vizinho, o que gerou um probleminha, mas foi acessível sim, foi acessível para muitas pessoas.

Se o valor do auxílio de seiscentos reais (R\$600,00) já era insuficiente para suprir as necessidades básicas, o caos se instala quando o presidente da república anunciou que a partir do mês de setembro ocorreria a diminuição do auxílio para trezentos reais (R\$300,00). Se antes as famílias tinham que decidir, entre comer ou pagar um aluguel com o novo valor decreto fica o questionamento como essas famílias irão se alimentar, sendo que Florianópolis hoje é a segunda capital com a cesta básica mais cara do país³⁸. Tânia durante a entrevista contou um pouco sobre:

Mas é muito injusto, é um valor que ... a pessoa não vive com isso. E o Bolsonaro vai para a televisão dizer que estendeu o auxílio, que vai até dezembro e agora é trezentos reais (R\$300,00). E isso é um absurdo, um país com o dinheiro que tem, dinheiro eles que ganham muito dinheiro. A gente paga muito impostos, a gente paga muita receita, para que num momento desse, nós possamos ser ajudados, para que num momento desse uma família possa receber um salário, o salário que ele trabalhando poderia receber, e agora vem o Guedes dizer que o país tá quebrado por conta do auxílio que o governo dá para a população. Então é muito doente tudo isso.

É evidente que a pandemia não é democrática, realmente ela não escolhe classe, raça ou gênero, mas o Estado novamente invisibiliza os direitos básicos aos mais vulneráveis, e consequente são os que estão sofrendo mais. E se não fosse pela batalha das lideranças comunitárias junto com associações e movimentos lutando por assistência e direitos que muitas mulheres negras e famílias estão conseguindo se manter nesse período.

3.4 Identidades e pertencimentos:

E ter orgulho dessas pessoas e poder dizer que sim eu vim de lá pequenininha e dizer o quanto eu tenho orgulho de ser de lá, de a minha família ainda estar lá, de tudo que eu sou, de tudo que eu tenho, de todas as coisas que ainda estão em mim, que respiram esse lugar, de mostrar pra muitas pessoas este lugar... Mas como meu avô sempre falava quando você vai lá, você é banhado e é mergulhado e você quer sempre voltar, ele sempre falava 'quem bebe dessa água sempre volta', realmente as pessoas que vão lá se maravilham desse lugar, pela a história, pela trajetória e a luta desses moradores³⁹

Apesar do tema ser mulher negra, o que eu, no meu mundinho, não imaginava é que o amor pela comunidade surgiria de forma tão inseparável. Então foi possível identificar que

³⁸ Florianópolis fechou o mês de agosto com a segunda cesta básica mais cara entre as capitais do país incluídas na Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). O preço médio do kit em Florianópolis, com 13 produtos, ficou em R\$530,42, sofrendo uma variação de 14,26% nos últimos 12 meses (NSC TOTAL, 2020).

³⁹ Trecho retirado da entrevista realizada com a Priscila, no dia 02 de outubro de 2020.

não tem como separar essas mulheres da história das suas comunidades, elas não só residem ali, elas vivem, elas lutam, elas são a comunidade e não somente porta voz.

As periferias estão sofrendo os efeitos devastadores da COVID-19 e acompanhadas do vírus vem o reforço de uma história de vida marcada por opressões, violências e racismo. Portanto a pandemia só completou o que esse povo sofre desde a colonização desse país. Conforme a fala da Tânia:

Isso já vem de anos, duzentos e poucos anos sem escravidão e que a gente continua na escravidão, ninguém está liberto não, ninguém está liberto! porque a escravidão está na cor da minha pele, infelizmente a escravidão está no meu cabelo. Então se eu não conseguir que tu tenhas uma escola de qualidade, que tu possas olhar para mim, e vê que a Tânia tem pele escura, tem cabelo duro, mas a Tânia é uma pessoa igual a mim, entendeu. Tu já vais olhar pra mim com uma história triste nas minhas costas e que contaram errada, e que é uma história triste a gente sabe, e que contou errada, mas tudo bem já foi resolvida, mas não foi resolvida.

Apesar da Lei Áurea ter sido assinada em 1888 abolindo a escravidão, a lei não ofereceu qualquer suporte a população negra, que permaneceram em desigualdade com os brancos. A abolição desconsiderou os aspectos históricos da população negra, sem nenhuma política de inclusão, deixando-a acompanhada somente pela ausência de um lar. Conforme Nascimento (2016, p.79), a “Lei Áurea, não passou de um assassinato em massa”.

A população negra não recebeu a terra necessária, empregos ou qualquer ajuda para sua sobrevivência, eles tiveram que ir morar em morros e cortiços, como forma de defesa devido à discriminação e à falta de oportunidades. Domingues (2006), a população negra começou a se reunir e criar mobilizações raciais em alguns estados do país, a partir da criação de associações, com o intuito de discutir as violências e exclusões que afetavam a população negra, já que a “abolição” esteve a serviço de atender ao capitalismo nascente do final do século XIX e início do século XX. Transformou a população negra em trabalhadores sem lhe dar qualquer condição de acesso ao trabalho digno, deixando à margem do sistema econômico e vivendo do subemprego por ser mão de obra barata, ou seja, a abolição apenas atualizou a escravização.

Com a Pandemia o desemprego atingiu devastadoramente as periferias e o Estado mais uma vez deixando a população desse território a margem de sistema econômico, conforme Priscila:

Muitas famílias ficaram desempregadas por causa da pandemia que a gente está vivendo. E aí chega próximo da minha família né, por exemplo, tive tias que pegaram Covid, o marido da minha irmã ficou desempregado e isso está chegando próximo, e não é uma dor isolada, é uma dor coletiva né.

Todas as desigualdades que esta população já enfrenta, traz desafios na urgência de lidar com mais uma camada de desigualdade por conta do Covid-19, visto que nos últimos anos a

política no país vem produzindo um discurso e práticas neoliberais, o que provoca um maior descaso com a população de território periférico, Priscila narra sobre acessibilidade às políticas públicas nesse período: “*A comunidade, eu falo do Monte Serrat, mas ampliando pro maciço do Morro da Cruz eu vejo como nós fomos invisíveis ao poder público, não só modo financeiramente, mas a estrutura para esta dando para as famílias*”

Se considerarmos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou morto)? Como eles estão inscritos na ordem de poder (MBEMBE, 2016, p.124). Questionada sobre o distanciamento/isolamento social Tânia informou:

para você ter uma ideia, negros dentro dessa pandemia que estamos vivendo foi feito um levantamento e, 54%, mais de 54%. Conforme o Ministério da Saúde, 54% da população que morreram por COVID, foram negros. por aí tu já tens uma ideia. Somos no Brasil 118 milhões de pessoas, 56% da população é negra, por aí você já tira a situação que está a questão dos negros né, nessa sociedade. Então falta de apoio como falei ainda pouco, falta de saúde, falta de esclarecimento

Nesse período em que estamos vivendo, o racismo torna-se evidente, sendo reforçado pela pandemia e surgindo como mais um pensamento intrinsecamente ligado ao racismo estrutural. Ou seja, conforme o site Portal Geledés⁴⁰:

O racismo estrutural atinge frontalmente a maioria da população pobre, destinatárias das consequências nefastas durante a pandemia, portanto, o debate cruza as condições econômicas com a raça não deveria ser silenciada (CORREA, 2020)

O racismo na concepção estrutural se desdobra em processo político e histórico, apresentando que o racismo é um processo político. Político porque como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político” (ALMEIDA, 2019, p.52). Esse poder citado pelo autor, pode ser realizado através de instituições e/ou ideologias. O racismo estrutural também é um processo histórico, visto que é um elemento constituinte do Estado, porém é necessário uma análise das condições históricas de cada Estado, isso porque, o racismo se manifesta através de “(a) forma circunstancial e específica; (b) em conexão com transformações sociais” (ALMEIDA, 2019, p.54).

Até hoje é muito forte o preconceito racial⁴¹ e os estereótipos sociais sendo associados à marginalização, Priscila fala sobre as atuações policiais no território em tempo de pandemia:

⁴⁰ CORREA, Ricardo Alexandre. Pandemia: racismo estrutural e silêncio da imprensa. racismo estrutural e silêncio da imprensa. 07 abr. 2020. **Portal Geledés**.

⁴¹ “(...) uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para indivíduos a depender do grupo social ao qual pertencam” (ALMEIDA, 2019, p.32).

Eu vi no noticiário uma ação da polícia no Morro do Mocotó prendendo várias pessoas, e aí eu fiquei pensando como é que essas famílias ficaram depois dessa “grande ação” foi feita. E, aí eles falam há muito tempo que já fizeram projetos para ajudar coletivamente as famílias, como se fosse uma mão amiga, e para quem mora naquele local sabe que não é bem assim que a polícia entra ne

A forma de atuação policial nas comunidades evidencia que o racismo é um processo de reproduções sociopolíticas, sendo que a concepção do racismo estrutural está conectada ao racismo institucional, sobre a atuação policial na comunidade Tânia relata:

Porque não adianta Liliane nos recebermos no dia 20 recebermos medalhas, porque o nosso projeto de sobrevivência, dos negros, das mulheres negras vai ser lido na câmara municipal e aplaudido por todos, mas depois vai para a gaveta, porque só nós sabemos o que a gente sente aqui, nós sabemos qual é a nossa dor, nós sabemos a dor de perder um filho, de perder um ente querido, de ter um filho, de ter um marido preso. Então a comunidade sabe. São essas mulheres que sabem né. E é com elas que nós temos que dialogar e, é com elas que nós temos que levar todas essas questões para a rua, porque a sociedade não acredita. Se tu for perguntar para qualquer um - vem cá tu és racista? A resposta é não, não existe racista no Brasil, não existe racista, não existe preconceito no nosso país. A polícia que era para nos ajudar, ela é repressora, é uma polícia repressora (...)

As instituições não criam racismo, mas sim introduzem uma estrutura racista e, como consequência, reproduzem-na. Sendo assim, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2019, p.46-47). Enquanto a população negra é vista como invisível pelo Estado, o processo de racismo é notável, Jussara também relata a violência estatal vivenciada durante o período de pandemia:

Então, um dos casos que eu reclamei bastante foi que durante a pandemia eles (polícia) pedirem para as pessoas se identificarem, tirar a máscara com muita violência sabe, para poder ver a pessoa. Acho que já estamos lutando para não pegar o covid e, eles fazendo isso muito próximo, muito perto já é uma dificuldade. E a invasão da polícia é muito grande na comunidade né, então eles entram, eles não estão nem aí se tem crianças, se não tem criança e invade, e pra eles qualquer um é bandido, é marginal, eles não querem saber a identidade da pessoa, sendo homem, mulher ou criança. Eles entram mesmo na agressão, eles não sabem conversar,

A população negra que reside no território periférico sofre violações e morrem todos os dias vítimas do Estado, ou pela ausência dele. Achille Mbembe (2016) chama de Necropolítica o controle dos corpos de indivíduos, enquadradas nos critérios estabelecidos pelo poder estatal. O poder estatal determina quem deve viver ou morrer. É preciso falar que é nas comunidades periféricas que a mortalidade é muito maior, pois ocorre negação de direitos referente à moradia digna e proteção contra o vírus Covid-19. Tânia em uma de suas falas discorre sobre um caso de despejo no período de pandemia:

houve dois despejos na Vila Aparecida em plena pandemia, então isso é muito triste, essas coisas me deixam doente dentro de casa sabe, porque nesse momento eu não posso estar lá, né. Então tivemos uma reunião sobre isso, e, eu orientando-os e, eles

passando informação para mim, a gente conseguiu agilizar algumas coisas, mas está muito difícil. Porque, para pobre e de periferia, não tem pandemia, não tem tempo ruim, não tem tempo bom, é a qualquer hora e a qualquer momento. E a gente vê os grandes empreendimentos, Jurerê internacional construindo em cima de dunas, construindo onde quiserem. Ali na comunidade, são dois haitianos que chegaram, já estão ali a dois (2) anos e moravam com habitação, conseguiram nesses dois anos trabalhar, comprar suas madeiras e construíram o barraco. O que aconteceu? A polícia foi lá e derrubaram o barraco deles, e foram com truculências, porque a polícia vai com truculências mesmo, não temos uma polícia que cuida da gente, pelo contrário, temos uma polícia que nós temos medo da segurança, ao invés de termos confiança, temos medo. então é muito complicado.

A pandemia mostrou que são as pessoas negras e pobres que sofrem violações e morrem todos os dias vítimas do Estado, ou pela ausência dele. Mbembe (2016), fala em estado de exceção para casos de extermínio de uma população, que tem como plano a dominação territorial encontrando corpos matáveis, sem qualquer constrangimento jurídico.

CONCLUSÃO

A psicologia enquanto ciência e profissão ainda se encontra atrasada em relação étnico-raciais Santos, Schucman e Martins (2012) fazem um levantamento da atuação da psicologia no Brasil sobre as questões étnico-raciais dividindo em três momentos. O primeiro momento ocorreu no período colonial e nessa época a psicologia vinculava-se ao modelo biopsíquico da medicina associando a raça negra como inferiores. O segundo momento é quando surgem os primeiros estudiosos na psicologia abordando cursos sobre Psicologia Social, porém reproduziam ainda reflexões teóricas fundamentadas nas teorias racistas eurocêntricas. O terceiro momento ocorreu no final da década de 1980 e início de 1990, ocorrendo discussões sobre branqueamento e branquitude no país.

Conforme o Conselho Federal de Psicologia (2017), entre 1990 e 2000, avanços importantes foram conquistados por psicólogas negras⁴². Porém quando inicio as pesquisas bibliográficas para construção deste artigo nas bases de dados SCIELO e PEPSIC e seleciono 09 artigos para leitura identifiquei que somente 02 desses artigos foram realizados com base na psicologia. O que quero relatar aqui é que se nós futuros profissionais de psicologia não tivermos uma formação crítica e reflexiva sobre as relações étnico-raciais podemos reproduzir violências nos espaços de trabalho.

Através dessas informações, busquei com meu tema dar espaço para ouvir as mulheres negras/pretas que vivem na periferia da Grande Florianópolis/SC sobre as principais violações de direitos vividas em tempos de pandemia e quais (im)possíveis processos de resistência encontrados nesse período. Porém com todo o cuidado por estar inserida numa sociedade

⁴² Utilizado no feminino, pois este trabalho é voltado para mulheres e pela dominância do gênero nas academias.

estruturalmente patriarcal e racista, e apesar de ter iniciado esse trabalho num lugar de estudante mulher e em processo de autodeclaração como negra⁴³ ainda sim precisei de toda cautela para não ser mais uma propagadora de violência. De acordo com Ribeiro (2019, p.38) “é preciso notar que o racismo é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido”.

As mulheres negras/pretas são atacadas a todo instante por uma sociedade patriarcal e racista, mulheres que residem na periferia sofrem há anos violências relacionadas às questões de gênero, raça e opressão de classe, muito antes da pandemia. O feminismo utilizou durante anos categorias que neutralizaram problemas referente a discriminação racial e segregação da população negra perante a sociedade.

Assim sendo, a crise sanitária só veio deflagrar e escancarar as desigualdades sociais, de gênero e raciais, ocorrendo precarização e exploração de trabalho, sofrendo altíssimos índices de violências e retirada de direitos e moradia. Foi notável que existem leis sustentadas pelos direitos humanos, mas que não são eficientes para questões relacionadas ao racismo no nosso país.

Ouvir a história de vida dessas três mulheres negras/pretas confirma que cada uma é símbolo de resistência e de luta diárias, lutas que levam em consideração as especificidades do seu povo, da sua ancestralidade, fortalecendo principalmente o seu ser mulher negra/preta e seus territórios.

Com isso as lideranças buscam por políticas públicas de forma transversal, porque hoje mais do que nunca precisa ter iniciativas dentro das comunidades, precisa de solidariedade e é preciso percorrer todos os dias um caminho de luta para reafirmar que vida de mulheres negras importam, vidas negras importam e que as vidas nas periferias importam. É preciso desmistificar que as comunidades produzem violência, porque violência quem produz é o Estado na vida de cada morador.

Meu campo de visão mudou muito depois das entrevistas, meu olhar mudou, apesar de saber que essas mulheres e essas famílias sofrem violações a tanto tempo, me segurei pra não chorar em diversos momentos, porque eu iniciei achando que eu tinha privilégios e acredito hoje que realmente os tenho, mas eu tenho privilégios por ter o básico, porém muitas vezes nem o que deveria ser básico elas têm. Apesar das entrevistas me atravessarem e de falas me deixarem emocionada, elas também me deram força pra acreditar que isso não é só um trabalho

⁴³ Não estou dizendo aqui, que carrego comigo os olhares estranhos e nem racismos extremos, porque sei que perante a sociedade eu tenho privilégios comparado a outras mulheres na mesma faixa etária que eu, porém seja negra de pele retinta.

escrito, é um trabalho que eu quero e pretendo continuar, porque afinal não quero ser um número na psicologia elitista, eu quero ser a soma numa psicologia mais humana.

Finalizo meu Trabalho de conclusão de curso citando mais uma vez o trecho do livro Pequeno Manual Antirracista escrito pela autora e filósofa Djamila Ribeiro:

É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como “eu não vejo cor” não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, como diversos e não há nada de errado nisso - se vivemos relações raciais é preciso falar sobre negritude e também branquitude (RIBEIRO, 2019, p. 30).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro)

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 2. ed. São Paulo: Polén, 2019. 264 p. (Feminismo Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BOLSONARO usa violência doméstica para criticar isolamento social. **Catraca Livre**. Brasil, p. 1-1. 30 mar. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/bolsonaro-usa-albert-einstein-para-justificar-producao-de-cloroquina-pelo-exercito/>. Acesso em: 07 abr. 2020.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, [S.L.], v. 1, n. 19/20, p. 109-120, 30 dez. 2007. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/rv.v1i19/20.20548>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual de orientações sobre o Bolsa Família na Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 3. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010. 68 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

BRASIL. Pierre Triboli. Agência Câmara de Notícias (ed.). **Deputadas criticam corte de recursos para combate à violência contra a mulher**. 2020. Câmara de deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/635067-deputadas-criticam-corte-de-recursos-para-combate-a-violencia-contr-a-mulher/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

BRASIL (org.). **Gênero e Covid-19 Na América Latina e no Caribe: Dimensões de Gênero na resposta**. 2020. ONU-MULHERES. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf. Acesso em: 09 abr. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdades no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito)

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: referências técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP, 2017. 147 p.

CORREA, Ricardo Alexandre. Pandemia: racismo estrutural e silêncio da imprensa. racismo estrutural e silêncio da imprensa. 07 abr. 2020. **Portal geledeés**. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/pandemia-racismo-estrutural-e-o-silencio-na-imprensa>. acesso em: 13 maio 2020.

COSTA, Cássia Fernanda de Oliveira. **Dandara dos Palmares e a Mulher Negra Contemporânea: Do Discurso Folclórico aos Discursos de Representatividade**. Porto Alegre: Sead, 2017. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/8SEAD/POSTERES/POSTER%20E4_CCosta.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020

DAVIS, Angela. **Mulheres Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução: Heci Regina Candiani. Recurso digital.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. acesso em 30 maio 2020.

DOMINGUES, Petrônio. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta antirracista no Brasil**. 2006, n.28, pg.345-374.

ELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019. 2020. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-record-e-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa. São Paulo, vol.29, nº.1, Jan./Jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>. Acesso em: 30 out. 2020

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco zero 1982.

hooks, bell. **E eu não sou mulher?: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019. Tradução: Bhuvi Libanio.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. Tradução: Bhuvi Libanio.

LEAL, Iêda. MNU: 40 anos de luta contra o racismo reagir, re(sobre)viver, descolonizar para real democracia. **Portal Geledés**. Brasil, p. 1-1. 07 jul. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mnu-40-anos-de-luta-contra-o-racismo-reagir-resobreviver-descolonizar-para-real-democracia/>. Acesso em: 26 jun. 2020

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Artes & Ensaios, v. 32, 2016.

MINAYO, M.C. O Desafio do Conhecimento. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec, 1992.

MINAYO, C. (org). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NSC TOTAL: **Cesta básica em Florianópolis é a segunda mais cara entre capitais, aponta pesquisa**. Florianópolis, 09 set. 2020. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/cesta-basica-em-florianopolis-e-a-segunda-mais-cara-entre-capitais>. Acesso em: 07 nov. 2020.

PODER360: **Bolsonaro cópia campanha italiana que precedeu explosão de mortes**. Brasil, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/bolsonaro-copia-campanha-italiana-que-precedeu-explosao-de-mortes-dw/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RELÓGIO da violência. INSTITUTO MARIA DA PENHA. Disponível em: <http://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>. Acesso em: 09 abr. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte, MG. Letramento; Justificando: 2017. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro).

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

SANTA CATARINA. Fabrício Escandiuzzi. Secretaria de Estado da Saúde. **Coronavírus em SC: saúde divulga medidas de enfrentamento à violência doméstica**. 2020. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/coronavirus/coronavirus-em-sc-saude-divulga-medidas-de-enfrentamento-a-violencia-domestica>. Acesso em: 09 nov. 2020

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer and MARTINS, Hildeberto Vieira. **Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2012, vol.32, n.spe, pp.166-175. ISSN 1414-9893. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500012>.

SOUZA, Neusa. Santos (1983). **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** (1a ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal.

SPINK, Mary Jane e MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: edição virtual, 2013. cap. 2. p. 22-42.

WANIA PASINATO (Brasil). ONU. **Diretrizes para Atendimento em Casos de Violência de Gênero contra Meninas e Mulheres em Tempos da Pandemia COVID-19**. 2020. ONU-MULHERES Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Diretrizes-para-atendimento_ONUMULHERES.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

AGRADECIMENTOS:

Início essa parte do texto agradecendo minha família, principalmente minha mãe dona Tânia, que lutou muito por mim, tenho total consciência que não foi fácil educar dois filhos sozinha, mas ele fez isso com maestria e com muito amor, não faltou amor mesmo na hora de abdicar dos seus sonhos para se dedicar a forma que ela acredita ser a mais correta de ser mãe, essa mulher é a primeira minha inspiração, minha guerreira, o meu amor! obrigada por ser quem você é, e o que você representa na minha vida. Agradeço meu avô, seu Osni, como o senhor me mimou e ainda me mima e fala de mim para os outros com tanto orgulho, mas destaco que meu orgulho por ele é muito maior, porque aprendi muito sobre índole com você. Agradeço vocês por tentarem ter paciência nos meus surtos durante a escrita desse trabalho, pois não foi possível escrever sem surtar até porque estamos num momento tão atípico e tão cheio de inseguranças. Agradeço meu irmão Jefferson, apesar de todas as nossas divergências a gente tem consciência do quanto precisamos ser um pelo outro principalmente nos momentos mais difíceis e já passamos por alguns na nossa caminhada. Agradeço à minha linda cunhada Karen, por contribuir sempre com a leitura do meu TCC.

Agradeço aos amigxs, que não são muitos, mas não são poucos, mas são a medida certa pro meu bem estar. Agradeço ao Igor Santos e a Ana Clara Duarte por todo o companheirismo e amor e micos que passamos juntos desde o ensino médio, para mim é gratificante ter vocês ainda na minha vida, obrigada por estarem sempre ao meu lado. Agradeço meus colegas da outra instituição a qual ingressei no curso de psicologia, em especial minha amiga Luísa Andersen que me atura cantando (e isso não é fácil), nossa amizade é construída na base da aprendizagem, uma ensinando a outra, uma querendo proteger a outra, saudade do seu abraço puro e cheio de afeto.

Agradeço meus colegas e amigxs do curso de psicologia, em especial aqueles que alegam minha vida hoje. Patrícia, Jeferson, Gabriela, Jean, Osmar e Fernando, sem dúvida com vocês tudo fica mais fácil, mais leve e apesar do nosso comprometimento quando estamos juntxs acaba sendo mais divertido. Patrícia minha irmã de alma, obrigada por estar na minha vida e por ter esse olhar tão afetuoso e por seu comprometimento; Jeferson obrigada pelas dicas, e por me incentivar a não desistir, Gabriela obrigada por ser tão acolhedora e tão forte, complemento dizendo o quanto amo seu sotaque; Jean meu amigo de sorriso fácil, não importa qual seja o problema você faz ele ficar leve; Fernando obrigada por mudar sua rota de trajeto só pra me ajudar, por me ouvir e orientar de forma única e engraçada. Osmar, obrigada por ser tão compreensivo e me ajudar tanto naquela matéria que não curto muito.

Agradeço às professoras e professores que tive ao longo da vida, desde o ensino fundamental, médio e na caminhada no ensino superior. É impossível passar por esse agradecimento e não citar dois professores que foram fundamentais para chegar até aqui. Talvez na época eles não tivessem noção do quanto cada conversa, cada abraço e cada incentivo foram fundamentais para minha construção, para eu não me sentir insignificante, eu falo de dois professores do Ensino Médio, Thiago Sobreira, prof. de história e Michael Stolf prof. de física, pra vocês eu agradeço com um trecho do livro de Paulo Freire, “O que pode um gesto insignificante valer como força formadora ou como contribuição à *assunção* do educando por si mesmo”⁴⁴.

Agradeço à minha orientadora, professora e amiga dr^a Gisely Pereira Botega, por me escolher no meio de tantas alunxs que a queriam como orientadora e contribuir com tanto afeto na minha escrita. Mas não vou te limitar a orientadora, você é admirável como professora, como mulher e como mãe. Você me inspira por suas lutas diárias, por ser resistência e por nos ensinar com tanta leveza e amor durante as suas aulas. Obrigada Gi por me presentear com as tuas falas e auxiliar no meu processo de pesquisa.

Agradeço meu grupo de orientação: Cássio, Clef, Gabriela, Juliana e Lara, sem dúvidas fomos e somos os mais felizes por ter conseguido construir esse artigo junto com a melhor orientadora, agradecê-lxs por cada troca nas reuniões, por cada dica e contribuição nessa caminhada de um ano.

Agradeço às mulheres incríveis que compõem a banca por mais uma vez me ouvirem e contribuírem com esse processo, e ma. Luciana de Freitas Silveira e dr^a Marta Corrêa de Moraes. E agradeço também a psicóloga preta e coordenadora do projeto “É da Nossa Cor”, Mathizy Pinheiro por ter contribuído e composto a banca de qualificação.

⁴⁴ Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire - 56º ed - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.